

O corpo da pesquisadora na pista e os desafios da antropologia engajada: vivendo experiências com torcedores organizados da Força Jovem do Vasco (FJV) na pista carioca¹

Elisa Silveira Cardoso (UFMG/MG)

torcidas organizadas; corporeidade; engajamento

“Mano, não sai de casa! Se você é jovem, não bota a cara no beco hoje em tal favela! Tão falando que os cara da BOPE e um grupo chamado “Esquadrão da Morte” tá rondando pela favela pegando todo mundo, levando pro penhasco e fazendo um pular atrás do outro. Dá pra ver os corpos ficando empilhados lá de cima, mano, o bagulho tá de verdade, eles tão matando todo mundo que vê na frente.” (Transcrição de áudio de um torcedor organizado)

O presente texto propõe reflexões preliminares construídas a partir de vivências com torcedores organizados de pista da Força Jovem do Vasco (FJV), maior torcida organizada do Clube de Regatas Vasco da Gama (CRVG). A pesquisa em construção é resultado do acompanhamento expressivo de torcedores organizados nos contextos urbanos em dias de guerras, ataques, confrontos, reuniões e festas entre o início de 2018 até os dias atuais do ano de 2022. Com o foco na cidade do Rio de Janeiro, vivenciando práticas fartamente presentes no cotidiano da cidade, mas negligenciadas por muitos narradores e espectadores, minha intenção é apresentar os desafios para um fazer antropológico engajado que compreende a qualidade da violência na formação da vida jovem urbana contemporânea periférica. A intimidade brutal da violência que escorre das vielas e becos em favelas, desaguando na pista com o enquadramento do “inimigo” brasileiro que precisa ser exterminado, se configura também, numa fronteira em que esse efeito encontra resistências decoloniais quando torcedores organizados tramam suas gingadas existenciais.

A FJV foi fundada no dia 19 de fevereiro de 1970 por cerca de cinquenta torcedores dissidentes da Torcida Organizada do Vasco (TOV) devido a desacordos nas formas de torcer. Diferentemente da história de outras torcidas organizadas, a Força guarda registros que centralizam algumas passagens dando visibilidade ao seu tamanho, “seja pelo reconhecimento como uma das mais temidas no Rio de Janeiro, ou ainda, pelas duas razões” (TEIXEIRA, 2003). Dívida em 70 famílias² espalhadas pelo mundo, fruto da explosão

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² O termo escolhido para designar os agrupamentos da FJV foi retirado do estrelado filme norte-americano “O Poderoso Chefão”, baseado no enredo da família máfia ítalo-americana Corleone vivendo em território americano com dilemas políticos e pessoais com outras cinco tradicionais famílias mafiosas. Envolvidos em uma complexa rede de relação familiar em que o patriarca Vito Corleone estabelece códigos e condutas a serem seguidos, o filme mostra interessantes relações de parentesco aderidos pela FJV. Assim, na família associada no

territorial demográfica das organizadas que ganhou impulso com o movimento mundial juvenil³ na década de 1960, a “cultura jovem” tornou visível a introdução de novos termos linguísticos e estilos de vida exportáveis para diversas latitudes do mundo” (HOLLANDA, 2009: 176-177). A partir do crescimento desses agrupamentos em 1990, as torcidas organizadas concedem um caráter extra local, se dividindo por países, regiões, estados, cidades, bairros e quarteirões, fortalecendo o imaginário enquanto grupo político torcedor com outras formas de sociabilidade em relação ao futebol e à sociedade (TEIXEIRA, 2003, p. 50). Nesse marco temporal, os meios de comunicação, com ênfase nas crônicas esportivas, traçam o perfil dos torcedores organizados dando o tom para o movimento potente de criminalização desses agrupamentos na associação, “ora com as ambições políticas de dirigentes envolvidos com o esporte, ora com gangues que têm na violência explícita e gratuita a principal forma de se expressar” (TOLEDO, 1996, p. 29). A realidade traduzida nas crônicas esportivas de ordem estigmatizante e criminalizadora, podem ser analisadas numa construção histórica a seguir:

“A primeira torcida organizada foi criada para bater” (Folha de São Paulo no dia 9 de fevereiro do ano de 1992). “Torcida organizada converteu-se em aliança espúria entre arruaceiros e dirigente medíocres” (Armando Nogueira, jornalista e cronista esportivo em Na grande Área). “No futebol, a melhor palavra de ordem seria, sem dúvida, aquele que conclamasse à desorganização das torcidas, como ocorria até o começo dos anos 70” (jornalista Juca Kfourri pela revista Veja em 2 de setembro de 1991)” (Toledo, 1996:29-30)

filme há valores de respeito, fidelidade, confiança e união, onde o próprio uso do termo indica a proximidade de parentesco, um elo de irmandade, formada por *laços de sangue* que devem ser honrados no interior da FJV. Para melhor entendimento sobre o universo das organizadas, há outros agrupamentos que apresentam a complexidade dos nomes escolhidos. No Vasco, por exemplo, além das famílias da FJV há as províncias representadas pela Ira Jovem; no Flamengo, há os pelotões da JovemFla como também as regiões da Raça Rubro-Negra; por sua vez, no Botafogo a denominação da Furia Jovem é canil e na organizada do Fluminense, a Força Flu se divide por comandos. Devo ainda salientar a denominação de família para os agrupamentos da Força, além de destoar dos termos escolhidos por outras organizadas que se associam diretamente ao universo militar (TOLEDO, 1996; TEIXEIRA, 2005), o uso e aplicação do termo está intimamente relacionado com o espaço territorial e social ocupado pela torcida, tanto como se associa a noção de conflito no interior das famílias mafiosas. A favela da Barreira do Vasco ao redor de São Januário, por exemplo, casa sede do clube e da torcida, do qual o próprio nome já traduz sua efetividade como uma *barreira inacessível para inimigos*, é capaz de revelar as nuances que marcam as diferenças quando frases como “família grande e complicada”, “o terror do Rio”, são acionadas como representativos da Força.

³ Em “A juventude é apenas uma palavra” (1983) escrito pelo sociólogo Pierre Bordieu, há uma variação complexa no entendimento da juventude que precisa ser inserida na estrutura lógica de poderes entre diferentes gerações. A tentativa de enquadramento da juventude como unidade social que partilha interesses comuns devido a faixa etária, é ineficaz para traduzir a pluralidade da categoria e isso se aplica no uso do termo Jovem em diferentes torcidas organizadas do Brasil.

Esse posicionamento se estabelece principalmente após a Guerra do Pacaembu, na Supercopa São Paulo de Futebol Júnior em 1995, caracterizada como “batalha campal” após o resultado da morte de um torcedor e vários feridos, episódio que marcou o futebol brasileiro e decretou o perfil do torcedor organizado envolvido nessas ações. O “torcedor organizado típico-ideal” (TOLEDO, 1996, p. 37) foi compreendido por pesquisadores através de classificações sobre gênero, classe social, idade, grau de escolaridade, valores, ideias, histórias, memória coletiva, relacionamentos da torcida com a sociedade e outras organizadas, etc, evidenciando assim o caráter “heterogêneo, plural e democrático” (HOLLANDA, 2009, p. 182) desses agrupamentos.

De acordo com o sociólogo Maurício Murad, os torcedores organizados são "originários (indiscriminadamente) de todas as classes sociais, de todas as faixas de renda, de escolaridade, de profissionalização, de informação e além disso, concentram-se na faixa etária dos 14 aos 25 anos - 80% - e destes, mais de 50% são menores de idade” (MURAD, 2007, p. 115). Luiz Henrique de Toledo analisando as pesquisas organizadas pelo jornal O Estado de São Paulo em 1992, destaca que o fenômeno das torcidas organizadas é composta por “torcedor organizado do sexo masculino, situado entre as classes C e B, possui idades entre 15/17 anos, com o grau de instrução entre o primário e secundário” (TOLEDO, 1996, p; 37). Posteriormente, Rosana Teixeira salienta de forma perspicaz ao sinalizar que a heterogeneidade das associações das torcidas comportam indivíduos que diferem em idade, instrução, profissão, visão de mundo, classe social, e tantos outros elementos que dificultam a classificação exclusiva dos agrupamentos juvenis (TEIXEIRA, 2003, p. 30) ao passo de se referir, “menos a uma faixa etária objetivamente definida e mais a um certo "espírito", “estilo de vida”, que para esses torcedores caracterizam o pertencimento (Ibidem, p. 32).

No interior desses dados⁴, há os “5% dos brigões” (TOLEDO, 1996), os "vândalos", "delinquentes" e “ladrões” como categorias associativas que criminalizam⁵ as torcidas

⁴ Maurício Murad em seu livro *A violência e o Futebol* relata que as estatísticas da Federação Internacional de Futebol (FIFA) e do Comitê Olímpico Internacional (COI) “comprovam que a violência das torcidas organizadas, mesmo sendo preocupante e exigindo ações concretas, mediadas e imediatas, são práticas de uma minoria - 5% no caso brasileiro, por exemplo (MURAD, 2007, p.21). O pesquisador ainda analisa que tal porcentagem se mantém praticamente inalterada, “subindo para quase 7% se considerarmos as estatísticas mais recentes da Justiça, da Polícia Militar do Rio de Janeiro (PMRJ) e das torcidas” (Ibidem, p.35)

⁵ O processo de modernização do qual vêm passando o futebol incubiu a criminalização das torcidas organizadas ao passo da FJV estar desde dezembro de 2013 proibida de frequentar os estádios brasileiros com os materiais da torcida. No processo da monografia constatei que os materiais (bandeiras, blusas, instrumentos de percussão e bateria, faixas, entre outros) são verdadeiros atores na rede da materialidade (Latour, 2012) que caracterizam uma série de significados na sociabilidade das torcidas. A proibição, resultado de diferentes guerras e confrontos que teve seu início em Santa Catarina na Arena Joinville, entre os torcedores da Força e da Torcida Organizada

organizadas, se fixando especialmente nos torcedores de pista⁶ que compõem essa pesquisa. Mas, de onde vem esses torcedores organizados? Em quais territórios eles convivem? Onde e como são construídas as linguagens corporais, discursivas e psíquicas que estimulam a vontade e representação nas torcidas organizadas de pista, especialmente atualmente? E principalmente, como se constrói esse protagonismo que confere ao corpo dimensões permeáveis em meio a violência, onde esses saberes dificilmente são alcançados pela universidade e que, nem mesmo a “mentalidade policialesca que os vigia e os mata” (COLEHO, 2016) conseguem reconhecer?

Abrigando outras formas de associação, outros valores e outras práticas que incubem o permanente contato com contextos belicosos e divergentes à outras realidades vigentes, a pista das torcidas organizadas - e aqui me refiro a uma sociabilidade restritamente das ruas, onde os espetáculos futebolísticos nas arenas e estádios não se enquadram - continua sendo terreno pouco explorado no viés crítico social. A partir dessas tensões, como a do trecho que abre este trabalho, surgem minhas motivações para encarar os desafios de um engajamento contingente que tenta através da perspectiva de saberes localizados (HARAWAY, 1996)

Fanáticos do Clube Atlético Paranaense, foi caracterizada como “barbárie”, iniciando um desencadeamento de várias outras ações judiciais que proíbem, após longos quase 10 anos, o retorno da Força para os estádios.

⁶ Na construção do trabalho de conclusão de curso procurei evidenciar a importância de compreender a organização das famílias da FJV que são mediadas principalmente a partir da diferença entre os agrupamentos, caso que assinalei como segmentos, seções e bifurcações da torcida. Na Força os segmentos se apresentam a partir dos estados brasileiros, tendo o Rio de Janeiro como território principal na sociabilidade e hierarquia da Força, designando assim a denominação *famílias-offs* para os agrupamentos dos outros estados. De forma relacional, pude compreender as seções de famílias que coexistem dentro da Força, tanto nas famílias-offs como nas do Rio, denotando novamente a diferença como processo constitutivo nas formas, vontades e representações de torcer, sendo estas: *famílias/torcedores de estádio* que representam torcedores organizados que não possuem atuação frequente nas decisões da torcida e de maneira alguma atuam na pista carioca, exercendo assim, práticas torcedoras apenas nos estádios e arenas de futebol em dias de jogos no decorrer das partidas. Também constatei as *famílias/torcedores de internet* que além de exercerem atuação em dias de jogos e influenciarem questões na torcida, regularmente comentam e compartilham cenas de guerra na pista em redes sociais mas não se fazem presente nesses contextos, nas palavras dos meus torcedores “falar pela internet é mole, quero ver botar a cara na pista”. Por último e mais importante é a seção de *famílias/torcedores de pista*, os famosos 5% dos brigões que, por representar essa pesquisa, obtenho o privilégio de compreender o processo político bifurcador na pista manifestado pelo sistema de troca entre o capital moral e corporal. Bifurcados nos sistemas de *linha de frente*, *pirocas/malucos*, figuras políticas (TOLEDO, 1996) e os torcedores que pouco sabem sobre a *trocação* (de porradas), essas categorias além de mobilizarem novas compreensões para o fenômeno das torcidas, estão também interligadas a todas as outras formas de torcer atribuídas no sistema descrito. Ou seja, os ladrões, delinquentes e vagabundos, vivenciam a pista manifestando potências insubmissas no escamoteamento de práticas e vontades nos contextos urbanos, tanto como, são os principais interlocutores nas atuações, decisões, reuniões, festas, produção de material, músicas, gritos de guerra, relações com o clube, e tantas outras execuções fundamentais para o espetáculo no futebol e a política que regulamenta a torcida. Essa análise põem em cheque o determinismo que legitima a culpabilidade nas práticas exclusivamente da pista, trazendo à luz novos outros questionamentos para a produção antropológica nas torcidas que não dependem propriamente de descobertas, “mas de uma relação social de conversa carregada de poder” (HARAWAY, 1996, p. 31).

reivindicar os furores da pista que estilhaçam como kalika⁷ essa epistemologia moderna que tem como “a boa razão, a vida bem calculada, o risco zero” (COELHO, 2016) roteiro de vida a ser seguido.

Os desafios teóricos para me engajar

Para Setha Low e Sally Merry (2012) há diversas formas de se construir o engajamento antropológico. Seja por *compartilhamento* e *suporte*, tecido nas relações entre antropólogas e interlocutores em redes de apoio, solidariedade e interação, como nos *ensinos* e *educação pública* através da prática engajada e transformadora de oficinas e inúmeras outras atividades. Quer também partir da *crítica social*, constituída por métodos e teorias atentos às relações de poderes e estruturas desiguais, ou pela *colaboração*, *ativismo* e *advocacia*, como outras abordagens possíveis nessa variada forma de se aspirar fazer antropologia. O engajamento, localizado a partir desses panoramas, vem recrutando antropólogos preocupados em repensar seus métodos e formas de escrita, a fim de construir relações comprometidas com posturas políticas e novas maneiras de fazer antropologia (LOW E MARRY, 2012, p. 3).

Concomitantemente, as formas de se engajar antropológicamente são constituídas através de *dilemas* e *barreiras* exploradas pelas antropólogas. A pesquisa de campo é posta em xeque nas extensões do pesquisador “agir como um participante” (Ibidem, p. 11) à oposição de ser “um estranho desengajado observando e registrando a vida social” (Ibidem). Os *dilemas* são confrontados no seio do determinismo colonial, a partir dos “desejos” de promover justiça social e preocupar-se com a dor e sofrimento de guerras e conflitos; ao passo que as *barreiras*, são expostas a níveis “intelectuais e organizacionais” (Ibidem, p.11) agenciadas por processos de silenciamento que incapacitam o engajamento político.

As retóricas em torno da ciência e de propriamente fazer trabalho de campo na zona do relativismo e determinismo, “prometendo, igualmente e inteiramente, visão de toda parte e de lugar nenhum” (HARAWAY, 1995, p.18) vem encontrando a força do feminismo que privilegia a prática da objetividade como fonte de contestação, desconstrução e outros sistemas de conhecimento. A posicionalidade como “prática chave” (Ibidem) para o

⁷ Categoria nativa que refere-se a bombas caseiras feitas por torcedores organizados para serem utilizadas em guerras e/ou confrontos policiais. Em seu interior pode conter diferentes materiais como: vidro, gás lacrimogênio, pregos, entre outros objetos cortantes.

conhecimento organizado, “afinado à ressonância, não à dicotomia” (Ibidem, p. 23) vibra nas fronteiras da parcialidade como meta para outras e melhores explicações de mundo. Dessa maneira, a forma como vinculamos nossos instrumentos teóricos metodológicos e objetivos políticos, informa nossa posicionalidade ou não frente às violências, conflitos e tensões que permeiam o fazer antropológico.

De todo modo, a intenção de propor uma antropologia engajada, situada a partir de tais ou quais posições mediadas por relações de poderes, diz respeito à “corporificação específica e particular” (Ibidem, p. 15). O conhecimento situado que busca localizar os saberes se assenta na fronteira da posicionalidade. Mas é a partir do corpo que engajamos, uma corporificação “finita continuada” (Ibidem, p. 28), capaz de mobilizar lugares particulares do mundo real, não importando quão mediado, complexo e contraditório ele seja pra nós (Ibidem, p. 28). O corpo enquanto presença material que expressa marcadores sociais, provoca efeitos nos lugares onde realizamos trabalho de campo. A “visibilidade corpórea”, como quer Silvana de Souza Nascimento (2019), compreendida nas fronteiras da alteridade, faz com que nos tornemos outros a partir da percepção dos outros, e esta relação se concede antes de mais nada pelo corpo.

Michel Foucault (1977) discorreu sobre as formas de punição e disciplinarização aplicadas por instituições sociais reguladoras. O corpo disciplinado para modelos civilizadamente aceitáveis por meios tecnológicos e micropolíticos, se conforma nas regulações dos mecanismos de poder. Franz Fanon (2008) expõe que é na corporeidade que se atinge o preto, “ enquanto personalidade concreta que ele é linchado” (FANON, 2008, P.142). Correlacionado, Achille Mbembe (2018) apontou a centralidade do corpo negro nas novas tecnologias de destruição, inscritos na ordem do massacre. De forma próxima, Patrícia Hill Collins (2020) e bell hooks (2013) assinalaram a inscrição dos corpos – incluindo os seus – nas redes racistas e de dominação na sociedade. Propuseram pensar como a construção de masculinidade e feminilidade, articulada com outros marcadores sociais como raça, classe social, idade, nacionalidade e etc; são noções que se embaralham nos corpos.

Seja na perspectiva do poder, técnica, violência ou interseccionalidade envolvida nesses aparatos, a corporeidade se encontra em um “espaço-entre, em uma existência fronteira” (NASCIMENTO, 2019). O corpo, “como algo que não seja uma página em branco” (HARAWAY, 1995, p. 29) materializa a situacionalidade das representações e localiza determinados saberes. “O aparato da produção corporal”, como enfatiza Donna

Haraway, se constrói a partir de corpos capazes de construir conhecimentos feministas corporificados, posicionados criticamente em espaços sociais não homogêneos, fronteiros e localizados.

Recentemente, outras pesquisas etnográficas sobre torcidas organizadas estão emergindo por demandas de análises menos esportivas (TOLEDO, ANDRADE e SOUZA, 2021). Contudo, vale destacar que as guerras, ataques e confrontos⁸ nas torcidas organizadas – especialmente no Estado do Rio de Janeiro – ainda são campos de dificuldade e impossibilidade para muitos pesquisadores. As práticas e sociabilidades de torcedores organizados de pista⁹ manifestam potências insubmissas (COELHO, 2016) e os aprendizados sobre lições da rua são muitas vezes inacessíveis para a maioria acadêmica branca burguesa. Nesse jogo onde a pista oferece uma análise robusta sobre o capital dos sistemas corporais e morais entre torcedores organizados da Força e torcidas rivais, a centralidade dada ao meu corpo, evidencia marcas que corporificadas e engajadas contingentemente, mobilizam determinados saberes.

A partir dessas premissas, procuro discorrer sobre o meu corpo em campo vivendo os arranhas céus desafiadores do engajamento antropológico. Meu corpo feminino, branco e morador de favela, agenciando¹⁰ saberes localizados com torcedores organizados de pista da Força Jovem do Vasco (FJV) em sua maioria negros e favelados. Retomando novamente a centralidade do corpo da antropóloga enquanto paradigma¹¹, as relações de conflito, violência, aproximação, negociação e afeto no trabalho de campo, expõem as multiplicidades heterogêneas no fazer antropológico tanto como no fenômeno das torcidas organizadas que passam, antes de tudo, pelo corpo.

Sei que a essa altura, a mesa farta composta pelos senhores brancos acadêmicos que “criam” teorias exuberantes abocanhando o termo da objetividade poderiam estar tendo reviravoltas estomacais - se ao menos essa inclinação epistêmica os interessasse. Mas aqui, nessa escrita, nesse corpo que não é recurso, mas agente (HARAWAY, 1996, p. 33) vivendo

⁸ Venho desenvolvendo análises teóricas que expõem a diferença e partilha entre esses três dispositivos ativos na pista pela torcida organizada da FJV.

⁹ Categoria que significa o deslocamento da torcida organizada por contextos urbanos, especialmente em dias de guerra.

¹⁰ Donna Haraway (1996) ratifica sobre reconhecer a agência do mundo no conhecimento nunca como “um escravo do senhor que encerra a dialética apenas na sua agência e em sua autoridade de conhecimento objetivo” (HARAWAY, 1996, p.30) e essa colaboração se apoia nessa perspectiva.

¹¹ Em Saberes Localizados, Donna Haray expõe o sistema paradigmático, não do fechamento, mas do que é contestável e contestado para se fazer ciência. Ouso realocar essa análise para o corpo, um corpo não fechado, não acabado, contestável e contestado na produção antropológica durante o trabalho de campo.

nas estrupulias da pista, minha intenção se concentra em retomar a centralidade para minha corporeidade enquanto mobilizadora de relações que deságua na solidão da escrita etnográfica. Minha visibilidade corpórea, mediada por existência fronteiriça nas perspectivas de multiplicidades (NASCIMENTO, 2019) designa o meu fazer antropológico engajado e expõe o amarrado jogo corporal que precisa ser feito para acompanhar meus torcedores.

Para tanto, acompanhei, observei e vivi muito com os torcedores organizados da Força na pista carioca do Estado do Rio de Janeiro. Notei meu corpo no mundo no meio da efervescência de mais de cem corpos masculinos (nunca menos de trinta), torcedores e periféricos dentro de ônibus, trens, carros particulares e a pé em diferentes zonas cariocas. Esses corpos correram, torceram, cantaram, suaram, beberam, rolaram pela pista a fora de tanto trocar porrada. Corpos que foram presos e continuam enclausurados, corpos que foram libertados e encontraram meu corpo há pouco tempo atrás. Corpos que foram algemados enquanto o meu corpo branco passava “despercebido” por policiais, ao passo de outros serem desmembrados em guerras e continuarem em constante atuação. Corpos masculinos que viram a linguagem do meu corpo na pista e hoje vibram mutuamente ao me ver, outros corpos que quando encontram o meu, são propositalmente desinteressados. Nessa fronteira, meu corpo, também carregando marcas de outros corpos, propõem desafios e dilemas para uma antropologia engajada

Salgando a carne e vestindo a camisa do engajamento

O privilégio de poder acompanhar a Força na pista é proveniente da minha relação conjugal com o Capitão, torcedor organizado linha de frente¹² muito estimado e acionado recorrentemente nas atividades da x família¹³. Apesar da minha relação não estar em questão nessa comunicação¹⁴, o Capitão se tornou num sentido muito real um “colaborador” (Low e

¹² Prática primordial em dias de guerra e por vezes ataques, a linha de frente é realizada pelos melhores lutadores – muitos destes professores e alunos de artes marciais - que compõem a torcida organizada de pista. Quando formada, é responsável por sustentar a trocação de porrada pelo tempo necessário, a fim de que as linhas sucessoras possam correr ou trocar a porrada na guerra com maior sucesso. Ou seja, a partir da seleção dos torcedores que irão compor a linha de frente, a Força baseia o potencial de força física/bélica vigente na pista. Numa análise teórica epistemológica, o termo “linha de frente” comporta práticas análogas se transpormos essas noções para marchas militantes e/ou movimentos negros.

¹³ Desde o início da pesquisa optei pelo anonimato na produção etnográfica como fonte de engajamento, especialmente por ser prática constante na Força. Utilizo o x que, deveria ser a numeração da família ao qual tenho maior entrada para trabalho de campo por questões de segurança, vida e morte, mesmo que isso me custe uma abordagem menos dinâmica e representativa da sociabilidade na torcida.

¹⁴ No ano de 2018 apresentei um pôster na RBA que rendeu desacordos e tribulações após minha confissão de relacionamento amoroso no trabalho de campo, especialmente por pesquisar majoritariamente o gênero masculino. “Então você é vista como namorada dele!”, foi uma das afirmações das quais tive que sustentar a proposta da minha pesquisa. Donna Haraway nos atenta para as manobras que podem ser feitas com o punho do

Marry, 2012) dessa pesquisa. Algumas interpretações que fiz são mais dele que minhas, embora seja impossível desmembrá-las. Sua maneira de engajar na torcida se entrelaçou no trabalho de campo ao passo do Capitão se tornar um observador receptivo, com pequenos estímulos ele torna explícitas as formas de organização da torcida.

Mas estar ciente da importância do informante-chave a partir da minha posição, trouxe processos desafiadores, sobretudo por ser um corpo feminino. No primeiro dia de campo o líder da x família veio ao meu encontro e a conversa mediada pelo Capitão, foi negociada de forma que se tornou meu dever compartilhar todas as produções feitas acerca da torcida. Também me recordo do líder dizer ao Capitão sobre a responsabilidade de me levar para a pista e as problemáticas em torno do que poderia ser escrito sobre a torcida. Mas confesso que bastaram poucas idas a campo para notar que minha aceitação depende muito mais das relações pessoais desenvolvidas com os torcedores na pista do que qualquer explicação que pudesse dar sobre a minha presença e o meu relacionamento.

Minhas primeiras ações de engajamento contingente na torcida foram mediadas pelo corpo. O principal caso foi entre uma guerra da Força e os alemão da Young Flu, torcida organizada do time Fluminense Football Club. Dentro do trem na zona norte do Rio, os vagões eram preenchidos por cerca de sessenta torcedores organizados eufóricos e atentos que batiam nos latões da condução aos gritos “eu sou da Força, eu sou, o bicho vai pegar e ninguém vai me segurar, nem a PM”, ao passo em que outros quebravam as janelas para terem melhor visão dos trajetos e próximas estações. Não demorou muito tempo para gritarem: “olha os alemão ali, vamos pegar eles”. Chuva de pedras invadiram o trem, “abaixa todo mundo”, gritavam meus torcedores para os passageiros presentes. Dentro de segundos, tudo muito rápido, perigoso e complexo. Havia avistado na linha do trem, meus torcedores correndo atrás dos rivais quando de forma relativamente afastada, decidia fazer o mesmo. A fuga da Young para uma favela¹⁵ próxima fez com que os torcedores desistissem da caça,

feminismo sob as concepções relacionadas a questões de gênero como “diferença localizada e da corporificação da fêmea” (HARAWAY, 1996, p. 37). Durante muito tempo da minha vida joguei bola trombandando meu corpo com marmanjos mais fortes e maiores que eu, como dizia minha mãe: “sempre andando com garotos maus elementos”. Ainda sou uma espécie de “vigarista”, como apontou Arlei Damo (2007) no seu trabalho antropológico do qual observou meninas jogando futebol entre meninos. Na complementaridade de minhas vivências como moradora de favela, a sociabilidade que há sete anos me insiro também é base para engajamento na torcida, assim como futebol. Perceber minhas agências e mobilizá-las em campo como conhecimento, “abre espaço para algumas possibilidades desestabilizadoras, inclusive para a percepção de um senso de humor independente do mundo”, neste caso, relativos ao meu gênero em campo (HARAWAY, 1996, p. 32).

¹⁵ Como conhecimento situado e parcial, o estudo das práticas de torcedores organizados de pista no Rio de Janeiro possibilitou concretizar dados que enfatizam o território das favelas, suas codificações e leis como rede sistemática na sociabilidade das torcidas. A escolha de não seguirem por tal rua que leva a tal favela, parte das guerras nas torcidas serem extremamente proibidas pela facção do Comando Vermelho nas periferias e morros

decidindo voltar correndo para pegar o trem que tinham suas portas mantidas abertas por outros organizados. Meu corpo feminino que também corre, tinha ajuda de um torcedor ao me puxar para dentro do trem já em movimento. “Caralho, maior disposição, até você estava na guerra”, dizia outro torcedor ao me ver entrando, caso amplamente partilhado entre diferentes famílias e corriqueiramente lembrado mesmo após o passar dos anos.

Outro caso importante foi em dia de festa da torcida em torno do estádio de São Januário, casa do CRVG e da FJV. “Território hostil”, como assumem meu torcedores e foi etnografado com memórias de medo e aflição¹⁶ pelo antropólogo Luiz Henrique de Toledo (1996). Quando cheguei as bandeiras já estavam hasteadas¹⁷, os materiais eram vendidos e o proibidão de funk da torcida preenchia o ambiente sonoro. Decidi ir de encontro ao líder para me dispor na ajuda de temperar as carnes da festa. Próxima a churrasqueira, tive acesso a conversas valiosas sobre os bailes de corredor¹⁸ que torcedores haviam participado, próximos passos da torcida, melhor baile funk do final de semana, além de poder fazer perguntas promissoras estabelecendo redes de proximidade com novos torcedores. Durante o assunto, o líder se aproxima com um copo de cerveja e uma blusa da x família me dizendo, “você já tá aí há maior tempão, se fazendo presente na pista, tá conquistando o seu lugar. Veste essa blusa e bebe uma gelada”. Alí, salgando a carne e vestindo a camisa, percebia que estava efetivamente presente no capital moral e corporal que há na Força. Minha visibilidade corpórea localizava meu engajamento contingente na torcida, fazendo surgir novas possibilidades de fazer antropologia das torcidas organizadas na pista carioca.

do Rio. Essa lógica parte intrinsecamente devido a maioria dos torcedores organizados de pista morarem nesses territórios como apontado nesta pesquisa.

¹⁶ O antropólogo relata a sensação dos paulistanos estarem “brincando com fogo, numa espécie de transgressão mesmo, invasão de um pedaço alheio” (TOLEDO, 1996, p. 79).

¹⁷ Em qualquer espaço, especialmente em territórios de arenas e estádio de futebol, bases, sedes e sub-sedes da torcida, as bandeiras são expostas de forma territorialmente estratégica. Esse saber localizado só pôde ser encontrado depois de muitas idas em campo, construindo relações promissoras com meus torcedores.

¹⁸ Como consequência do estilo de proibidão no funk que enaltece a rivalidade, diferença e força das várias favelas do Rio, surgiram os bailes de corredor. Essa prática, que dominou os anos 90, se configura como uma espécie de clube da luta do funk carioca. No espaço do baile, o corredor é formado por linhas, cordas ou correntes que dividem o local em dois grupos, lado A e lado B. Essa divisão é feita de acordo com zonas territoriais das periferias e o intuito é a trocação de porrada, briga sem armas e mortes. Formado por diversas regras, a política do baile de corredor bane homens que não cumprem o estabelecido. É considerado um esporte por quem o pratica, sendo pautado e discursado através da honra no capital corporal e moral da trocação de porradas. Apesar de ter sofrido repressão e proibição da sociedade burguesa, “o que terminou por praticamente extinguir a sua existência” (COELHO, 2016, p. 198), a posicionalidade do meu corpo em campo permitiu situar o conhecimento de atividades frequentes nesses bailes, agora extremamente sigilosos, onde a fruição da vida ocorre nas trocas agonísticas. Não por acaso, “não recuar”, “saber a *trocação*” como características encontradas tanto no trabalho do Gustavo Coelho como no meu na Força, traz a luz a compreensão que o desejo, seja nos bailes de corredor ou na guerra das torcidas, é que ambos os lados dessa relação saibam manejar e usufruir desse sistema de capital corporal e moral para que a *trocação franca* de porradas se estabeleça.

Já com certa permanência em campo, pude estabelecer outras metas desafiadoras com meus torcedores. O futebol, como espectro da sociedade que guarda em sua organização estruturas racistas, sexistas e homofóbicas, são braços que se estendem nas torcidas organizadas e outros setores. Pois bem, determinado dia em campo estávamos no ônibus percorrendo algumas áreas em busca dos alemão da Jovem Fla, uma das torcidas organizadas do Clube de Regatas do Flamengo. Me sentindo confiante para filmar meus torcedores e tirar fotos sem nenhuma retaliação ou conflito, fui atravessada emocionalmente quando determinado torcedor reprimiu um passageiro questionando sua sexualidade: “aí bixona, que isso ein” ele gritava para um jovem que descia do ônibus. Prontamente interrompi a ação no meio dos torcedores dizendo “ei, não faz isso não, tá maluco? Deixa o cara em paz porra”, caso que desencadeou o posicionamento semelhante de alguns torcedores. Quatro anos depois, transcrevo a seguir a passagem que enviei por áudio para o meu celular sobre o contexto: “acabei de intervir diretamente no campo devido a uma atitude homofóbica e preconceituosa, me questiono se o processo de me tornar antropóloga não é exatamente esse, perceber as construções que ocorrem quando visões de mundo se encontram e confrontam”.

Já nesse ano de 2022, retomei o trabalho em campo em março depois de dois anos ausente da torcida devido a pandemia, acompanhando as notícias apenas pelas mídias sociais. Chegando, fui pega de surpresa novamente com a sensação caótica e turbulenta ao qual iniciamos nossas pesquisas, a rotatividade da torcida é tão significativa que no dia poucos eram os torcedores que poderia chamar de meus como venho aqui fazendo. Mas alguns influentes estavam presentes e fui de encontro para “ser vista”, como condição acionada de engajamento na torcida. *É preciso botar a cara na pista, o corpo pra jogo, tá engajado*, como relatam alguns torcedores. “E ai cara, como você tá, a gente tava falando de você aqui agora e daquela foto que você postou” me disse um dos meus torcedores ao apertar minha mão. Já era do meu conhecimento que a foto do surf¹⁹ havia gerado algumas repercussões na mídia social, muitos dos meus torcedores compartilharam e me mandaram mensagem a respeito, mas não esperava que se estendesse depois de algumas semanas. Foto postada sem permissão, mas com total anonimato, pergunto o que a galera havia comentado a respeito, prolongando o assunto para informar que a fotografia seria um instrumento em campo do qual gostaria de trabalhar. “Você tá indo no caminho certo, só continua”, ele me respondeu.

¹⁹ Categoria nativa nas torcidas organizadas, o momento do surf é caracterizado quando de forma subversiva torcedores organizados sobem no teto do ônibus em movimento, e em pé, performativam como se estivessem surfando em alto mar. No link a seguir, a foto trazida em questão: [Elisa Cardoso \(@elisasilveirac\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

Dois meses depois, compareci ao ensaio de bateria da FJV em São Januário e pude me apresentar ao atual líder da família na qual iniciei essa pesquisa. Depois de muitas informações trocadas a respeito da produção e venda de materiais, articulação de torcedoras organizadas, sua passagem pelo presídio de Bangu, além de planos, conflitos e dívidas da família, pude dar ênfase ao meu retorno pra pista e a produção acadêmica. “Cara, seu nome é Elisa né, lembro que você fez aquele grupo no facebook pra divulgar um pôster grandão que fez da FJV. Caralho eu lembro de tu”, disse o líder. Firmando o contrato de enviar qualquer produção da Força para meus torcedores, o pôster intitulado “Emoções em campo: análises sobre a Força Jovem em treino aberto no Estádio de São Januário” com uma foto da Força dentro de São Januário após liberação judicial para assistirmos o treino do time, será exposto na subsede da família após sua reforma.

Donna Haraway chama a atenção para as “oscilações desde dentro” (HARAWAY, 1996, p. 35) das fronteiras. Materializada na interação social, além de ser prática arriscada desenhada através de mapeamento (Ibidem, p.34), o conteúdo provisório permanece gerativo. Nessa fronteira que se oscila entre mundos, o saber de favela, o saber propriamente de cria que me atravessa constantemente na torcida, aprofundou meu corpo inscrito na experiência (NASCIMENTO, 2019) de múltiplas formas ao ponto de estimular minhas ações em campo. Nessa perspectiva, meu engajamento se constrói a partir de outros corpos já engajados com dribles estupendos em cima dos “sistemas jurídicos, políticos e sociais de extermínio na cidade do Rio de Janeiro” (ZACCONE, 2015). São saberes localizados que realocam meu corpo e corporificam minhas práticas desde o nível pessoal ao acadêmico, estabelecendo *compartilhamento e suporte* nas práticas cotidianas onde relações que incluem amizade e até formas de parentesco (LOW e MARRY, 2012, p. 6) engajam minhas ações.

Expondo esse corpo feminino no jogo da pista, transito entre grupos de torcedores de diferentes famílias e “tive que caminhar sozinha, procurando convencer os torcedores eu mesma”, assim como fez Rosana da Câmara Teixeira (2004) em seu trabalho pioneiro nas torcidas organizadas. Essas vivências que de forma ousada poderiam ser uma tentativa empírica de fazer antropologia feminista com cobertura de *antropological blues* (DAMATTA, 1978) ao incorporar no campo do legítimo, partes dispensáveis do treinamento do antropólogo, são algumas dentre tantas outras que me ajudaram a permanecer na tentativa de engajar na torcida. *Poder saber* - e aqui aciono essas sentenças como estimulantes nessa parcialidade proposta - sobre torcedores de pista da Força, suas organizações na guerra,

negociações e outras redes de relação em contextos urbanos, fabricação e uso de instrumentos de guerra, conflitos internos entre famílias e no interior de uma única família, dentre tantas outras minúcias tão importantes para entendermos esse universo, têm como centralidade meu corpo e seus marcadores. Esses processos desafiadores, afetuosos e conflituos, são propostas que realçam a amplitude de formas de engajamento que se estende do “compromisso básico” (Low e Merry, 2010) com os torcedores organizados, colocando em foco as particularidades dos contextos mesmo que isso custe a antropologia desacordo com objetivistas.

O corpo negro inscrito na máquina de extermínio aniquiladora

Mesmo que não tenha sido alvo das minhas questões de pesquisa à época, as ações da Polícia Militar do Rio de Janeiro e do Batalhão Especializado de Policiamento de Estádios (BEPE) se apresentaram sistematicamente na sociabilidade das torcidas organizadas de pista a partir de contextos violentos, legitimados de maneira intrínseca na figura do inimigo. É na figura do inimigo brasileiro que podemos encontrar elementos da máquina social racista que estabelece a desumanização para fim de quais vidas são matáveis. Dessa forma, “o inimigo, enquanto estranho, passeia na teoria política como a chave-mestra para legitimar o poder punitivo do Estado no marco da exceção soberana” (ZACCONE, 2015, p. 107). Essa análise que confere tipos de inimigos construídos na sociedade, cuja ordenação genealógica está enraizada no pacto civilizatório erguido na ordem de massacres, encontra o criminoso reconhecido na figura de delinquente, bárbaro e estranho (Ibidem).

Para Michel Foucault, o criminoso aparece como um ser juridicamente paradoxal capaz de romper com o pacto civilizatório se tornando, portanto, inimigo que ao cometer menor crime que seja, aciona a economia do poder de punir como função generalizada ao braço coextensivo do corpo social (FOUCAULT, 2012, p. 85). Nessa definição que contrapõe o cidadão e a vida qualificada ao bárbaro da vida nua, a indignidade da vida e da morte nas favelas encontra o corpo torcedor organizado também na pista carioca, apresentando outros processos desafiadores para a construção de uma antropologia engajada.

O ano de 2018 se tornou marcante na pesquisa, pois refere-se tanto ao trecho que abre esta comunicação como de outras passagens que serão relatadas a seguir. Dez anos após a instauração²⁰ da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) realizada no final de 2008, durante o

²⁰ A política violenta de instaurações das UPP's nas favelas cariocas que ocupou o jornal mundial foi investigada na tese de mestrado do delegado Orlando Zaccane (2015). O pesquisador apontou resultados onde essas ações,

governo de Sérgio Cabral Filho, ocorreu a primeira intervenção federal em um estado de federação. As práticas letais do Estado Brasileiro inseridas na política de extermínio sobre corpos negros, despontaram mais uma vez as heranças de uma cultura punitivista sustentada por desejos eminentes ao conjunto de conhecimentos relativos à figura do inimigo. Esse contexto se tornou tão relevante ao passo do trabalho de campo e a atuação do meu corpo e dos meus torcedores organizados serem atravessados constantemente por essas políticas de extermínio e violência.

Jipes e tanques do Exército Brasileiro tomavam a Zona Norte do Rio, o cenário de guerra se instaurava especialmente na famosa faixa de gaza que concentra as maiores e mais influentes favelas cariocas. Parecia uma passeata exibicionista de poder bélico, se não fosse o *jeitinho brasileiro* para dar início a uma tragédia anunciada de genocídio nas periferias. Ainda assim, com a zona norte tomada por esse cenário, a guerra na pista das torcidas organizadas continuava²¹ sendo um afluyente nos contextos urbanos. Os trajetos percorridos pelos torcedores eram mapeados no dia com a possível localização dos rivais, mas especialmente, as ruas e entradas de diferentes favelas que estavam sendo invadidas pelo Estado se tornavam pontos proibidos nas rotas pensadas estrategicamente pela Força. Contudo, quando a guerra contra os alemão da JovemFla poderia ter enredo com a linha de frente já formada e os meus torcedores prontos para o esperado “5 minutinhos de alegria”²² (COELHO, 2016) a Polícia Militar em conjunto com o Exército toma a avenida.

“Encosta todo mundo no muro caralho”, “já era, perdeu, perdeu vagabundo”, “se correr vai levar bala porra” eram as frases proferidas pelos agentes que interceptaram a ação a tiros e gás lacrimogenio. O paredão, formado por mais de 60 torcedores organizados da Força que lado a lado abriam os braços e as pernas de frente para o muro, tinham seus corpos revistados por policiais e cachorros farejadores. De cima da passarela, alguns torcedores olhavam para mim e outros organizados que conseguiram escapar quando eram designados ao ônibus da Polícia Militar para a Cidade da Polícia. Depois do confere, três dos meus

observadas a partir da ótica da guerra, acabaram por militarizar a vida dos moradores das favelas “pacificadas” ao denominar o contexto como “paz armada”.

²¹Me parece plausível enfatizar que o encontro do poder, saber e violência se constroem como fonte coprodutiva no regime das torcidas, capaz de performar a vida humana e sistematizar as redes que nesta se associam. Não há por que extinguir as guerras nas torcidas organizadas em meio uma Intervenção Militar se quando o que verificamos aqui é que seus atos e ações são sintomas de uma “já bem sucedida socialização” (COELHO, 2016) esmiuçada pelo controle punitivo e genocida dos corpos considerados “indignos de vida” (ZACCONE, 2015).

²² Gustava Coelho em *Deixa os Garotos Brincar* (2016) sinaliza que os cinco minutinhos de alegria ocorrem quando a trocação de porradas se efetiva.

torcedores organizados continuaram enclausurados por registros policiais ainda correndo no Ministério Público. Já dentro do Complexo Judiciário de Bangu, maior conjunto de cadeias do Brasil, estes enviaram números de contas bancárias para que a vaquinha mobilizada pela torcida pudesse ser depositada. “Mano ta rolando a vaquinha ai pros amigo que tão garrado, tão lá na dura, comendo comida estragada”, sendo uma das frases acionadas para o movimento.

Outro cenário que inclusive foi o primeiro dia de trabalho em campo, destaca-se principalmente por trazer compreensões inimagináveis para a sociedade e pouco conhecidas pelo espaço acadêmico, mesmo para aqueles que estudam torcidas organizadas. A guerra estava sendo organizada agora contra a RaçaFla e a concentração da Força ocorria em uma de suas bases²³ distribuídas pelo Rio. Ao lado das famílias presentes na pista, uma cabine da PMERJ estava em atuação com policiais portando seus fuzis quando um líder de determinado agrupamento se desloca até os agentes. O primeiro dia em campo impossibilitou minha aproximação, mas com o retorno do líder a confirmação foi anunciada: a guerra na torcida estava liberada para acontecer se não tivesse peça (arma de fogo) ou porretes de madeira e ferro. Apesar do contexto não ter ocorrido devido a Raça ter mudado sua rota - resultando no nosso deslocamento atrás dos rivais - os trechos acima apontam análises de casos que não são a exceção da plenitude legal do Estado Brasileiro, mas provenientes da legitimidade letal e violenta sobre o corpo periférico torcedor organizado.

Enquanto o primeiro e segundo caso se constróem em situar a "barbárie" da torcida organizada de forma a inscrever os corpos no sistema de controle punitivo. O último, aponta para o lado de uma mesma moeda em que o cidadão/civilizado comunga das mesmas práticas que o inimigo/bárbaro justamente por estar inserido na idealização do contrato social que garante a passagem na fronteira por ambos os lados (ZACCONE, 2015, p. 124). Dessa maneira, o paredão tanto quanto a liberação da guerra entre as torcidas realizadas pela PMRJ se firmam como contextos que conservam poder e relações tais, estabelecidas quando o inimigo é considerado ausente de qualificação da vida ao ser inserido na perspectiva de uma fonte de perigo. Assim, o corpo, atravessado pelo sustento do biopoder como mecanismo que opera os Estados modernos e articula a dominação pela desumanização, é negado ou relegado ao âmbito privativo e público (MBEMBE, 2018). Neste caso, especialmente recorrente em

²³ Também como conhecimento situado, venho realizando análises que evidenciam a diferença de sedes, subsedes e bases, muitas vezes passadas despercebidas nas pesquisas sobre torcidas organizadas.

territórios próximos à favelas - como em três casos já experienciados no campo onde a guerra nas torcidas foi liberada.

É nesse sentido que, soerguer uma antropologia eminentemente engajada (MERRY; LOW, 2010), onde a neutralidade não é possível face à violência racial sofrida coletivamente na torcida, se constrói em processos desafiadores, sobretudo processos brutais. Desse modo, como constata Stuart Kirsh: “Eles [antropólogos engajados] não procuram nada menos que o enriquecimento das melhores tradições da pesquisa etnográfica enquanto, simultaneamente, abordam questões importantes de justiça social” (KIRSCH, 2010, p. 78, tradução livre²⁴). Por isso, meu anseio veemente em evidenciar o “chão de terra batida em que sustenta meu olhar” (OLIVEIRA, 2017) e meu corpo, são posicionamentos críticos nos quais a parcialidade, objetividade e situacionalidade estão postas à mesa.

“Não passa nada e nem pode”: concluindo no engajamento

Inserida em contextos belicosos, a violência canalizada na torcida também é capaz de romper os diques de contenção policialesca e jurídica, difundindo mais a vontade de pôr-se em jogo, “de inscrever-se em uma zona liminar onde os corpos são lançados à tangibilidade radical de outros corpos” (COELHO, 2016, p. 217) do que o ódio aniquilante proposto pelo Estado e burguesia. Neste ponto de distinção que identificamos propostas de violência na coalizão entre corpos e dispositivos de poder, a violência praticada especificamente na torcida nos mostra que a tropa da Força, “mesmo com exageros aqui ou ali” (ibidem), vive em carne e osso suas radicalidades.

Nesse sentido, meu engajamento se constrói no compasso de uma antropologia que “olha os dragões mas sem tentar domesticá-los, sem abominá-los e sem querer, tampouco, submergi-los nos tanques da teoria” (PEIRANO, 1992:130). Os meus torcedores e, “por que não, outros dragões” (Ibidem) mobilizam a antropologia para a compreensão de outras idéias de conhecimento, outras concepções de sociabilidade, outros modelos explicativos, outras visões de mundo. São questões de como a realidade é feita, um *surf* nas práticas, saberes e performances dos corpos de torcedores organizados nas encruzilhadas da pista carioca. Sobretudo, minha tentativa de enfatizar a descoberta para a emergência de outros caminhos ao dar o corpo de pista à tonalidade que, através de saberes ontológicos, estilhaça como *kalika* as raízes mais profundas do colonialismo, me mostrando o caminho a ser seguido.

²⁴ “(...) they [engaged anthropologists] seek nothing less than the enrichment of the finest traditions of ethnographic research while simultaneously addressing important questions of social justice”.

Nadando contra a correnteza da neutralidade objetivista, mais importante que sistematizar o poder e saber da ponte pra lá, é trazer à tona as dimensões mutáveis desse sistema articulado da ponte pra cá. Da ponte pra cá, as codificações, estratégias, e o emaranhado de práticas personificadas por esses corpos, apontam para o múltiplo e fronteiro repertório do saber. Na pista, onde a fruição da vida se manifesta através de potências transgressivas e rebeldes, o saber é vigoroso. É uma resposta a violência que não se constitui apenas pela demanda da violência do inimigo. O jogo da *trocação* na pista é político (COELHO, 2016), comprometido às encruzilhadas da rua, versado pelos melhores decapitadores das lógicas coloniais. Na fresta da insubmissão pela submissão, torcedores organizados de pista fazem seu ganho e articulam redes de saberes localizados já providos de engajamento. Na mira expansionista do genocídio e assassinato de jovens da pista, os saberes ontológicos são exercidos nas estripulias desses corpos e o meu engajamento tem por dever se escalar nesse jogo.

Referências Bibliográficas

BORDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1983

COELHO, Gustavo. Deixa os garotos brincar. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

DA MATTA, Roberto. “O Ofício do Etnólogo ou como ter ‘Anthropological Blues’”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). In: A aventura sociológica: Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, pp. 23-35.

FANON, Frantz. Pele Negra Máscaras Brancas. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008

FILHO, Orlando Zaccone D'Elia. Indignos de vida: a forma jurídica da política de extermínio de inimigos na cidade do Rio de Janeiro. 2013. Tese (Doutorado)

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramalheite. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, 5. Campinas, Ed.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de, 1974- O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro.- Rio de Janeiro : 7Letras, 2009.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

MURAD, M. Futebol e violência no Brasil. In: Discursos Sediciosos. Crime, Direito e Sociedade. Rio de Janeiro, RelumeDumará, 1996.

NASCIMENTO, Silvana. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. Rev. antropol. (São Paulo, Online) | v. 62 n. 2: 459-484 | USP, 2019

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Horiz. antropol., Porto Alegre , v. 20,n. 42,p. 377-391,Dez. 2014

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. Esporte e Sociedade, ano 8, n 21, março. 2013. <http://www.uff.br/esportesociedade/>

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas. Rio de Janeiro, Annablume, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcidas organizadas de futebol. Campinas: Autores Associados/ ANPOCS, 1996.

LOW, Setha; MERRY, Sally. (2010). Engaged anthropology: diversity and dilemmas. Current Anthropology, v. 51, Supplement 2, pp. S203-S226.

ZACCONE, Orlando D'Elia Filho. Indignos de vida: a forma jurídica da política de extermínio de inimigos na cidade do Rio de Janeiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Revan, 2015. 3ª reimpressão, fevereiro de 2021.